

**GEORGE
ORWELL**

**A
CAMINHO
DE WIGAN
PIER**

Tradução
Isa Mara Lando

Introdução
Richard Hoggart

Posfácio
Mario Sergio Conti



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © | 1937 by Eric Blair

Copyright desta edição © | 1986 by Espólio de Sonia Brownell Orwell

Copyright da introdução © | 1989 by Richard Hoggart

Copyright da nota sobre o texto © | 1989 by Peter Davison

Copyright do posfácio © | 2010 by Mario Sergio Conti

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original | The road to Wigan Pier

Consultoria de tradução | Owen Beith

Capa | Kiko Farkas / Máquina Estúdio
Elisa Cardoso / Máquina Estúdio

Foto de capa | <completar>

Preparação | Maria Cecília Caropreso

Revisão | Ana Maria Barbosa
Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Orwell, George, 1903-1950.

O caminho para Wigan Pier / George Orwell ; tradução Isa Mara Lando ; introdução Richard Hoggart ; posfácio Mario Sergio Conti. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original : The road to Wigan Pier.

ISBN 978-85-359-1600-3

1. Desempregados - Grã-Bretanha 2. Grã-Bretanha - Condições sociais 3. Socialismo 4. Trabalhadores - Grã-Bretanha I. Hoggart, Richard. II. Conti, Mario Sergio. III. Título.

10-00201

CDD-305.56209428

Índice para catálogo sistemático:

1. Grã-Bretanha : Classes trabalhadoras : Sociologia
305.56209428

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

9	Introdução – Richard Hoggart
19	Nota sobre o texto – Peter Davison
23	Primeira parte
141	Segunda parte
255	Posfácio: De uma classe a outra – Mario Sergio Conti
269	Sobre o autor

I

O primeiro som da manhã eram as batidas dos tamancos das moças da fábrica de tecidos, caminhando pela rua de pedras. Antes disso, suponho, havia os apitos da fábrica, mas eu ainda não estava acordado para ouvir.

Em geral éramos quatro homens no quarto — e que quarto sórdido era aquele, com a aparência degradada de um lugar provisório, que não está servindo para o seu devido fim. Anos antes a casa havia sido uma residência normal, e, quando os Brooker foram morar lá e a transformaram em pensão e *tripe shop* (açougue especializado em tripa), herdaram alguns móveis inúteis e nunca tiveram energia para tirá-los dali. Assim, dormíamos em um lugar que ainda era, reconhecidamente, uma sala de estar. Pendurado no teto havia um pesado candelabro de vidro, no qual o pó acumulado era tão espesso que parecia o pelo de um animal. Contra uma parede, um móvel enorme, horroroso — algo entre armário e divisória, com muitos entalhes, gavetinhas e espelinhos. Havia ainda um tapete, que no passado exibira cores vistosas, cheio de

manchas redondas causadas por anos e anos de penicos e baldes com detritos, duas cadeiras douradas com os assentos arrebentados e uma daquelas poltronas antiquadas, estofada com crina de cavalo, onde a pessoa escorrega quando vai sentar. A sala tinha sido transformada em dormitório com a ajuda de quatro camas desconjuntadas, enfiadas no meio de todas essas tranqueiras.

Minha cama ficava no lado direito, perto da porta. Havia outra cama na transversal, muito apertada contra a minha (tinha que ficar nessa posição para que a porta pudesse abrir), de modo que eu precisava dormir com as pernas dobradas; se tentasse esticá-las, acabava chutando as costas do ocupante da outra cama. Era um homem idoso chamado sr. Reilly, uma espécie de mecânico que trabalhava “em cima”, isto é, no escritório de uma mina de carvão, não no poço. Por sorte ele ia trabalhar às cinco da manhã, de modo que depois que ele saía eu podia esticar as pernas e dormir decentemente por umas duas horas. Na cama do lado oposto havia um mineiro escocês que tinha sofrido um acidente na mina (ficou preso no chão por uma pedra enorme que caiu em cima dele, e demorou umas duas horas até que os outros conseguissem tirá-la de lá); assim, tinha recebido quinhentas libras de indenização. Era um homem alto, bonitão, de seus quarenta anos, de cabelo grisalho e bigode aparado, mais parecendo um sargento do que um mineiro, e costumava ficar deitado até tarde, fumando seu cachimbo. A outra cama era ocupada por uma sucessão de caixeiros-viajantes, vendedores de assinaturas de jornal e propagandistas de lojas, que em geral ficavam uma ou duas noites. Era uma cama de casal, de longe a melhor do quarto. Eu mesmo dormi nela na primeira noite, mas fui tirado de lá para dar lugar a outro pensionista. Creio que todos os recém-chegados passavam a primeira noite na cama de casal, que servia, digamos, como isca. Todas as janelas ficavam sempre bem fechadas e presas por um saco vermelho de areia, e de manhã o quarto fedia como uma gaiola de gambá. A gente não

notava ao acordar, mas, se saísse do quarto e depois voltasse, era atingido pelo cheiro como um soco na cara.

Nunca descobri quantos quartos havia na casa, mas é estranho dizer que havia um banheiro que datava de antes do tempo do casal Brooker. Embaixo havia a costureira sala e cozinha, com um enorme fogão a carvão, com o fogo sempre ardendo, noite e dia. Era iluminada apenas por uma claraboia, pois de um lado havia a *tripe shop* e do outro lado a despensa, que se abria para um subterrâneo escuro onde se guardavam os estoques de tripa. Tapando essa porta da despensa, havia um sofá disforme no qual a sra. Brooker, a dona da pensão, jazia permanentemente doente, em meio a vários cobertores encardidos. Tinha uma cara redonda, pálida, amarelada e ansiosa. Ninguém sabia com certeza qual era o seu problema; desconfio que era apenas comer demais. Na frente da lareira, havia quase sempre uma corda com roupas para secar, e no meio da sala a grande mesa da cozinha, onde a família e os pensionistas comiam. Nunca vi essa mesa totalmente descoberta, com o tampo nu, mas vi diversas toalhas e coberturas em diferentes ocasiões. Por baixo havia uma camada de jornais velhos manchados de molho; em cima disso, um oleado branco e grudento; em cima disso, um pano verde; e, em cima disso, outro pano de tecido rústico, que nunca era trocado e poucas vezes saía de lá. Em geral as migalhas do café da manhã ainda estavam na mesa na hora do jantar. Eu conhecia várias delas de vista e acompanhava suas andanças na mesa, para lá e para cá, ao longo dos dias.

A *tripe shop* era um lugarzinho estreito e frio. Do lado de fora da vitrine, viam-se algumas letras brancas, vestígios de antigos anúncios de chocolate, espalhadas como estrelas sobre o vidro. Dentro do açougue havia um balcão onde ficavam grandes quantidades de bucho, ou tripa branca, dobras sobre dobras, e também aquela coisa cinzenta, cheia de flocos, conhecida como “tripe negra”, e ainda pés de porco, translúcidos como fantasmas, já fervidos. Era

um tipo comum de *tripe and pea* (açougue de tripa e ervilha), e pouco mais havia nas prateleiras além de pão, cigarros e algumas latarias. A vitrine anunciava “chá”, mas, se algum freguês pedisse uma xícara de chá, em geral era dispensado com alguma desculpa. O sr. Brooker, embora desempregado havia dois anos, era mineiro de profissão, porém ele e a esposa já tinham tido vários tipos de loja como renda extra durante toda a sua vida. Em certa época, tiveram um bar, mas perderam a licença por permitir jogos de azar no recinto. Duvido que qualquer desses negócios tivesse lhes dado dinheiro; eram o tipo de gente que toca um negócio principalmente para ter algum motivo de queixa. O sr. Brooker era um homem moreno, de constituição miúda, com cara de irlandês, um tipo azedo, e espantosamente sujo. Creio que jamais vi suas mãos limpas. Como a sra. Brooker estava inválida, era ele quem fazia a comida, e, como todas as pessoas que vivem com as mãos sujas, tinha uma maneira especialmente íntima e demorada de pegar nas coisas. Se ele lhe passava uma fatia de pão com manteiga, com certeza vinha com uma grande impressão digital negra. Mesmo de manhã cedo, quando descia naquele misterioso porão por trás do sofá da sra. Brooker para buscar a tripa, suas mãos já estavam negras. Ouvi outros pensionistas contarem histórias terríveis sobre aquele lugar onde se guardava a tripa. Diziam que por ali havia besouros negros em profusão. Não sei com que frequência eles encomendavam novas remessas de tripa, mas eram intervalos longos, pois a sra. Brooker costumava marcar a data dos acontecimentos segundo as encomendas. “Deixe ver, já recebi três encomendas de *froze* (*frozen tripe*, tripa congelada) desde que tal coisa aconteceu” etc. etc. Nós, os pensionistas, nunca recebíamos tripa nas refeições. Na época imaginei que era porque a tripa era muito cara; depois cheguei à conclusão que era só porque sabíamos demais sobre o assunto. E, aliás, notei também que o casal Brooker nunca comia tripa.

Os únicos hóspedes permanentes eram o sr. Reilly, o mineiro escocês, dois aposentados idosos e um desempregado que vivia às custas do PAC* chamado Joe — o tipo de pessoa que não tem sobrenome. O mineiro escocês era um chato, depois que a gente o conhecia melhor. Tal como tantos desempregados, passava um tempo excessivo lendo jornais, e, se você não o afastasse logo, era capaz de discursar durante horas sobre assuntos como o Perigo Amarelo, cadáveres achados dentro de baús, astrologia ou o conflito entre religião e ciência. Os aposentados idosos tinham sido expulsos de suas casas, como de costume, pelo Teste de Meios.** Davam seus dez xelins semanais ao casal Brooker e em troca recebiam a espécie de acomodação que se pode esperar por dez xelins; isto é, uma cama no sótão e refeições que consistiam basicamente de pão com manteiga. Um deles era um tipo “superior” e estava morrendo de alguma doença maligna — câncer, creio. Só se levantava da cama nos dias em que ia receber o dinheiro da aposentadoria. O outro, que todos chamavam de Velho Jack, era um ex-mineiro de 78 anos que trabalhara bem mais de cinquenta anos no fundo das minas. Era um homem alerta e inteligente, mas curiosamente só se lembrava das suas experiências de infância, e tinha esquecido tudo a respeito das máquinas modernas e dos diversos melhoramentos na mineração. Costumava me contar histórias das lutas contra os cavalos bravos que puxavam vagões nas estreitas galerias subterrâneas. Quando ouviu dizer que eu estava me preparando para descer nas minas, fez um ar de desprezo e declarou que um homem da minha altura (1,86 metro) nunca daria conta da “viagem”; não adiantava lhe dizer que a “viagem” agora era melhor do que antes. Mas era amigável com todos e costumava

* Public Assistance Committee, serviço público de assistência social. (N. T.)

** Means Test: investigação sobre a situação financeira de quem solicita auxílio da assistência social. (N. T.)

se despedir com um belo grito, “Boa noite, rapazes!”, enquanto se arrastava escada acima para a sua cama, lá em algum lugar embaixo das vigas do teto. O que eu mais admirava nele era que nunca filava nada de ninguém; em geral já tinha acabado seu tabaco lá pelo fim da semana, mas sempre se recusava a fumar os cigarros dos outros. O casal Brooker tinha feito um seguro de vida dos dois aposentados idosos com uma firma que cobrava seis pence por semana. Dizia-se que alguém já tinha escutado o casal perguntar ansiosamente ao agente de seguros “quanto tempo uma pessoa vive quando tem câncer”.

Joe, assim como o escocês, era um grande leitor de jornais e passava quase o dia inteiro na biblioteca pública. Era o típico sujeito solteiro e desempregado — uma criatura de aspecto deplorável, vestido, francamente, com farrapos, um rosto redondo, quase infantil e uma expressão de malícia inocente. Parecia mais um garotinho esquecido num canto do que um homem adulto. Suponho que seja a total falta de responsabilidades que faz com que tantos desses homens pareçam mais jovens do que são. Julgando pela aparência de Joe, achei que tivesse uns 28 anos, e me espantei ao saber que já estava com 43. Amava as expressões altissonantes e tinha muito orgulho da maneira astuta como sempre evitara o casamento. Disse-me muitas vezes: “São muito pesados os grilhões do matrimônio”, sentindo, evidentemente, que essa era uma observação bastante sutil e portentosa. Sua renda total era de quinze xelins por semana, e pagava seis ou sete ao casal Brooker pela cama. Às vezes eu o via preparando uma xícara de chá na cozinha, mas quase sempre fazia as refeições em algum lugar longe dali; suponho que consistiam basicamente de fatias de pão com margarina e por vezes *fish and chips* [peixe com batata frita enrolado em jornal], creio.

Além desses, havia uma clientela flutuante de caixeiros-viajantes do tipo mais pobre, atores ambulantes — sempre comuns no